A HARMONIZAÇÃO DOS DISCURSOS: Monoculturas textuais, variabilidade discursiva e o risco epistêmico da planificação linguística por modelos generativos de linguagem [1]

THE HARMONIZATION OF DISCOURSES: Textual monocultures, discursive variability, and the epistemic risk of linguistic planning through generative language models

Vander Muniz [2]
Ébida Santos [3]
Victor Cruzeiro [4]

Resumo: *Este artigo faz uma reflexão crítica sobre a harmonização discursiva e o risco epistêmico derivado da planificação linguística causada pelos modelos generativos de linguagem. O que acontece com a ecologia discursiva de uma sociedade quando a diversidade estilística e cognitiva dos textos que nela circulam é progressivamente reduzida pela mediação algorítmica? A hipótese é que essa redução configura uma monocultura simbólica cujos riscos podem ser compreendidos, por analogia rigorosa, a partir dos efeitos da perda de variabilidade genética na biologia. As sociedades contemporâneas necessitam de resiliência epistêmica: a capacidade coletiva de produzir, sustentar e mobilizar uma diversidade de modos de pensar e argumentar. A harmonização discursiva ameaça essa resiliência ao induzir convergência estilística, habituar leitores a padrões que marginalizam formas alternativas e alimentar futuros modelos com textos cada vez mais homogêneos, amplificando a convergência ao esvaziamento.*

Palavras-Chave: *Harmonização discursiva. Inteligência artificial generativa. Ecologia discursiva.*

Abstract: *This article offers a critical reflection on discursive harmonization and the epistemic risk arising from the linguistic flattening caused by generative language models. What happens to the discursive ecology of a society when the stylistic and cognitive diversity of the texts circulating within it is progressively reduced by algorithmic mediation? The hypothesis is that this reduction constitutes a symbolic monoculture whose risks can be understood, by rigorous analogy, through the effects of genetic variability loss in biology. Contemporary societies require epistemic resilience: the collective capacity to produce, sustain, and mobilize a diversity of ways of thinking and arguing. Discursive harmonization threatens this resilience by inducing*

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

[2] Mestre em Comunicação pelo IDP, e-mail: vanderem@uol.com.br
[3] Pós-doutoranda pelo INCT-DSI/UFF, Doutora em Comunicação pela UnB e Docente Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do IDP, e-mail: ebida.santos@idp.edu.br
[4] Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília e Professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), campus Cidade de Goiás, e-mail: victorlcruzeiro@gmail.com

stylistic convergence, habituating readers to patterns that marginalize alternative forms, and feeding future models with increasingly homogeneous texts, thereby amplifying convergence toward emptying.

Keywords: *Discursive Harmonization. Generative Artificial Intelligence. Discursive Ecology.*

1. O Rosto Único dos Textos

Há uma operação estética que se popularizou nos últimos anos: a harmonização facial. Se trata de um conjunto de procedimentos que busca aproximar rostos individuais de um padrão considerado equilibrado, simétrico e, nas palavras daqueles que usam e/ou vendem o procedimento, harmonioso. O resultado, visto em diversas mídias, é paradoxal: são rostos que, individualmente, deveriam expressar a singularidade biográfica de seus portadores, mas passam a convergir para um mesmo modelo. O diferente se dissolve na busca do belo padronizado, a diversidade fenotípica cede lugar a uma espécie de formato padrão estético. Quando todos os rostos se parecem, nenhum rosto é verdadeiramente reconhecível.

A proposta neste artigo é observar que um fenômeno análogo está em curso no domínio da produção textual e, por extensão, na esfera discursiva das sociedades contemporâneas. A adoção de modelos generativos de linguagem (MGL), dos quais ChatGPT, Claude e Gemini são as manifestações mais visíveis, tem produzido o que aqui denominaremos *harmonização discursiva*. Uma convergência estilística, lexical, retórica e estrutural dos textos que circulam socialmente, resultante do fato de que parcelas crescentes da produção textual, principalmente digital, são agora mediadas, coproduzidas ou integralmente geradas por um número restrito de modelos computacionais treinados em corpora similares e otimizados para parâmetros estatísticos de coerência e utilidade.

O pensamento inicial que chama esta reflexão pode ser formulado nos seguintes termos: o que acontece com a ecologia discursiva de uma sociedade quando a diversidade estilística e cognitiva dos textos que nela circulam é progressivamente reduzida pela mediação algorítmica? A hipótese sustentada aqui é que essa redução configura uma forma de monocultura simbólica cujos riscos podem ser compreendidos, por analogia rigorosa, a partir dos efeitos bem documentados da perda de variabilidade genética na biologia.

Para desenvolvermos os argumentos, desenhamos o artigo em quatro movimentos. Primeiro, caracteriza-se teoricamente a planificação discursiva operada pelos MGL, recorrendo ao instrumental da Análise Crítica do Discurso de Van Dijk (2015) e ao conceito

de relevância algorítmica de Gillespie (2014). Em segundo lugar, se discute a dimensão política dessa homogeneização à luz das contribuições de Couldry (2013) sobre os mitos da mediação e de Bender et al. (2021) sobre os vieses constitutivos dos modelos estocásticos de linguagem. No terceiro movimento opera a inflexão interdisciplinar, trazendo evidências da biologia evolutiva sobre os efeitos catastróficos da perda de diversidade genética, construindo paralelos específicos com a monocultura discursiva. E finalizamos com o conceito de resiliência epistêmica como categoria necessária para pensar a sobrevivência cognitiva e cultural das sociedades na era da produção textual automatizada.

2. A Máquina de Planificar

Para compreendermos o mecanismo pelo qual os MGL produzem homogeneização, é preciso examinar sua arquitetura funcional. Um LLM (*Large Language Model*) opera, em sua estrutura, como um sistema de predição probabilística de sequências de *tokens*, unidades sublexicais que, combinadas, formam palavras e frases. O modelo, treinado em bilhões de textos extraídos de diversas fontes – muitas vezes sem a devida autorização dos autores – aprende distribuições de probabilidade condicionais, ou seja, dado um contexto textual, qual é o próximo *token* mais provável? O texto gerado é, portanto, uma superfície linguística que maximiza a probabilidade condicional de cada elemento dado os anteriores, regulada por parâmetros como *temperature sampling*[5] e *top-p*[6] que controlam o grau de aleatoriedade na seleção.

Esse mecanismo tem uma consequência fundamental para a questão da diversidade discursiva porque o modelo, por *design*, tende a convergir para as construções mais frequentes, mais seguras e mais próximas do centro da distribuição estatística de seus dados de treinamento. Bender et al. (2021), no artigo sobre os riscos dos MGL, caracterizam esses sistemas como papagaios estocásticos, entidades que produzem formas linguísticas superficialmente coerentes sem qualquer compreensão semântica, operando por pura recombinação probabilística do que já foi dito. O resultado é um efeito de gravitação estilística, paralelamente similar à harmonização facial que puxa rostos diversos em direção a um mesmo padrão. A geração de texto por esses agentes puxa os discursos em direção a um

[5] Técnica de decodificação usada em modelos de linguagem para controlar o grau de aleatoriedade e diversidade da geração de texto.
[6] Estratégia de decodificação estocástica para gerar sequências a partir de modelos probabilísticos autorregressivos.

centro de gravidade estatístico que reflete as redundâncias e regularidades mais frequentes dos corpora de treinamento.

Esse efeito é amplificado por dois fatores adicionais. Primeiro, o *Reinforcement Learning from Human Feedback* (RLHF), técnica pela qual modelos são refinados a partir de avaliações humanas, que tende a premiar textos que soam claros, equilibrados e bem estruturados segundo os critérios dos avaliadores, predominantemente falantes de inglês, com formação universitária e valores culturais específicos (Bender et al., 2021; Ouyang et al., 2022). Segundo, a convergência do corpus, os grandes modelos são treinados em conjuntos de dados que se sobrepõem substancialmente de modo que as regularidades aprendidas são, em grande parte, as mesmas. Modelos diferentes, treinados em dados similares e otimizados para parâmetros convergentes, produzem textos que convergem para um mesmo *habitus* linguístico.

2.1 A gramática da planificação

A produção textual mediada por um MGL apresenta marcadores recorrentes que a pesquisa empírica tem documentado como um achatamento da expressão humana (Li, 2026). Estudos recentes de detecção de texto gerado por esses mecanismos identificam padrões como preferência por estruturas sintáticas de complexidade intermediária, evitação sistemática de ambiguidades, uso prevalente de conectivos lógicos explícitos (“portanto”, “no entanto”, “além disso”), tendência à organização em listas e tópicos, vocabulário calibrado para um registro semiformal e “neutro”, e uma inclinação persistente para a simetria retórica que é quando um argumento é apresentado, um contra-argumento ou ressalva é quase invariavelmente adicionado (Alghazo et al., 2025; Erika; Baksa, 2025; Li, 2026; Liu; Liu, 2025).

Esses marcadores configuram o que podemos chamar de gramática da planificação, quando um conjunto de regularidades que, independentemente do tema tratado, conferem aos textos gerados uma textura reconhecível e convergente. É o equivalente discursivo do filtro de Instagram que, aplicado a paisagens distintas, confere a todas uma mesma paleta cromática. A diversidade temática persiste, ainda que superficialmente, mas a diversidade estilística que é, como argumentaremos, a dimensão mais profundamente ligada à cognição e à individuação é sistematicamente aplainada.

2.2 Van Dijk e o controle discursivo

A Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Van Dijk (2015), oferece um instrumental produtivo para compreender as implicações dessa planificação. Para Van Dijk, a dimensão central do poder discursivo reside no controle do acesso. Quem tem acesso a quais gêneros discursivos, quem define os parâmetros de aceitabilidade dos textos, quem controla os meios produtivos e a circulação do discurso público.

Na perspectiva de Van Dijk, o discurso não é apenas um veículo de ideologias, é o próprio terreno em que estruturas de poder são construídas, reproduzidas e contestadas. A dominação discursiva opera pelo conteúdo do que é dito e pela definição do como se pode dizer, quais são os registros legítimos, os estilos aceitáveis, as formas de argumentação reconhecidas como válidas. É nesse nível do como que a planificação por MGL opera com maior eficácia.

Quando uma parcela crescente da produção textual, digital, é mediada por um número restrito de modelos que induzem probabilisticamente um mesmo conjunto de regularidades estilísticas, estamos diante de uma forma de controle do acesso ao discurso. Não se trata de censura, uma vez que nenhum tema é explicitamente proibido. Se trata, antes, de uma homogeneização das condições de enunciação que opera por via infraestrutural, a ferramenta que medeia a escrita carrega em si uma gramática implícita que constrange as possibilidades do texto resultante.

Van Dijk argumenta que as estruturas de poder discursivo são mais eficazes quando se tornam invisíveis, quando os padrões de dominação se naturalizam ao ponto de não serem percebidos como padrões. Os MGL, com a pretensão de neutralidade, estão em vias de se tornar isso, uma forma discursiva tão ubíqua que se confunde com a própria noção de texto bem escrito. Quando o padrão gerado pela máquina se torna o parâmetro pelo qual se avalia a produção humana, a inversão normativa está completa.

3. A Política da Homogeneidade

Gillespie (2019), em sua análise das plataformas digitais como agentes de curadoria, apresenta um enquadramento para compreender a dimensão política da planificação discursiva. Para Gillespie, os algoritmos de plataformas não são ferramentas neutras de organização da informação, são sistemas de relevância que, ao selecionar o que é visível e o que é relegado à margem, produzem ativamente uma hierarquia do dizível.

Os MGL trabalham essa lógica em um nível diferente. Se os algoritmos de recomendação das plataformas decidem quais textos são vistos, os modelos generativos decidem como os textos são escritos. A curadoria algorítmica, que Gillespie analisou no nível da distribuição, se transmuta para o nível da produção. Não é mais o consumo de informação que é algoritmicamente mediado, é a própria geração do discurso.

Gillespie (2014) alertava que a retórica da neutralidade algorítmica obscurece escolhas políticas fundamentais. Os critérios de relevância são decisões humanas codificadas em parâmetros técnicos. Do mesmo modo, a clareza e a utilidade que os LLMs otimizam não são qualidades objetivas do texto, são valores culturalmente situados, historicamente contingentes e politicamente significativos. A clareza que o modelo produz é a clareza definida pelos critérios de avaliadores específicos, treinados em tradições discursivas específicas, operando sob pressões econômicas específicas. Universalizá-la como parâmetro de qualidade textual é um gesto político que se apresenta como técnico.

3.1. Couldry e o mito da mediação como conexão

Couldry (2013) desenvolveu uma interessante análise sobre os mitos da mediação, segundo a qual as narrativas naturalizam formas específicas de mediação tecnológica, apresentando-se como condições inevitáveis e benéficas da vida social. O mito central que Couldry identifica é o da mediação como conexão, a ideia de que os meios digitais nos aproximam, democratizam o acesso à informação e ampliam as possibilidades de expressão.

A planificação discursiva surge em um novo mito da mediação que, podemos denominar, o mito da clareza universal. Segundo esse pensamento, a mediação algorítmica da escrita é positiva porque torna os textos mais claros, mais acessíveis, mais eficientes. A tecnologia aparece como prótese cognitiva que compensa as limitações do escritor humano, a sua tendência à ambiguidade, à prolixidade, à desorganização. O modelo generativo, nesta narrativa, não homogeneíza, ele aprimora.

Curiosamente, escrevendo em 1987, o filósofo tcheco radicado no Brasil Vilém Flusser (1920-1991) reflete sobre a escrita e seu futuro, à época marcado pelo início da informática, em um diálogo bastante direto com Couldry. Em seu ensaio *A Escrita – Há Futuro para a Escrita?* (2010) o pensador diz que

> O escrever, como aprendemos na escola, é um gesto de consciência histórica. O programar, como as crianças começam a aprender, é um gesto de uma consciência desenvolvida de outra maneira, comparável mais a uma consciência matemática do

> que a uma literária. Os códigos, de que elas se servem, são tão ideográficos quanto os algarismos (FLUSSER, 2010, p. 75).

Este pensamento matemático, como diz Flusser, lembrando o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), outro grande entusiasta da reflexão sobre os limites da escrita e do pensamento que ela origina, é a-histórico, porque desligado de todo código alfanumérico que pode traduzir-se em pensamento. Assim, composto apenas por códigos numéricos programáveis, tokens e mediações algorítmicas, como trazem Couldry, Van Dijk e outros, ele se separa por completo de qualquer noção humana e, como diz o tcheco, tal mitologia nos dá direito a algum pessimismo.

Couldry chama a examinar criticamente os pressupostos desse mito. A clareza produzida por esses modelos, envolve, necessariamente, a eliminação de elementos textuais que a função de otimização trata como ruído, coisas como hesitações, digressões, idiossincrasias estilísticas, marcadores identitários, ambiguidades produtivas, humor oblíquo, referências culturais localizadas, ritmos discursivos não-padrão. Esses elementos são, em suma, as dimensões mais significativas de um texto do ponto de vista comunicacional – e, nesse sentido, por que não dizer, humanas? – são eles que ancoram o discurso em uma experiência vivida, que marcam a posição enunciativa de um sujeito singular, que produzem os estranhamentos e as tensões que mobilizam o pensamento.

A suposta clareza, revela, em verdade, que a superfície polida do texto gerado por um MGL não corresponde a uma facilitação cognitiva real. A homogeneidade estilística pode, em si, dificultar a ancoragem do leitor, precisamente porque elimina as irregularidades que funcionam como marcos de orientação na paisagem textual.

3.2. Bender e os limites constitutivos dos papagaios estocásticos

Bender et al. (2021), formulam uma das críticas mais incisivas aos modelos generativos de linguagem. Três dimensões do argumento são particularmente relevantes aqui. Primeiro, o conceito de tamanho como substituto de diversidade, o fato de um modelo ser treinado em bilhões de *tokens* não garante diversidade representativa, pelo contrário, os *corpora* de treinamento representam, em maior escala, certos registros linguísticos que tenham mais prevalência em seu treinamento e subrepresentam outros, como línguas minoritárias, registros orais, tradições discursivas não-ocidentais, dentre outros.

Segundo, o problema da codificação de hegemonias, ou seja, ao aprender distribuições de probabilidade a partir de corpus existentes, o modelo herda e reproduz as assimetrias de poder inscritas nesses textos. O código do modelo, com sua pretensão de neutralidade, é na verdade, a voz do centro estatístico de um corpus que reflete as desigualdades estruturais, também refletidas na produção textual global.

Terceiro, e mais pertinente ao argumento deste artigo, o problema da ilusão de compreensão. A fluência superficial dos textos gerados por MGL cria a aparência de que o modelo compreende e se comunica, quando o que ocorre é uma sofisticada recombinação probabilística que produz textos formalmente coerentes sem qualquer substância semântica. Quando essa ilusão se generaliza e os textos gerados por máquinas, que não compreendem, passam a constituir uma parcela significativa do ambiente discursivo, o risco não é de desinformação pontual e sim de uma erosão sistêmica da relação entre linguagem e sentido, e em certo grau, do próprio tecido social.

Tal ilusão, de fato, remonta a uma monocultura linguística, em que a prevalência de uma única espécie vegetal em uma grande extensão de terra altera todo o ecossistema, não apenas na superfície, mas no solo, comprometendo até mesmo a nutrição a longo prazo do próprio sistema, e a reprodução das espécies animais ali encontradas, como será melhor exposto na seção seguinte. Voltando a Flusser, ele encerra seu ensaio com uma pungente crítica a este pensamento positivista da técnica computacional, à época despontando no horizonte com uma premissa de "mudar a realidade". Hoje, sob a égide das *big techs*, que buscam reconstruir as relações humanas em uma espécie de monocultura percepcional – e agora também linguística, graças aos modelos generativos de linguagem – faz muito sentido o alerta que o filósofo nos deixa: "o fato é que quem possui competência matemática mais do que suficiente não tentará de maneira alguma abandonar a escrita, pois eles já a colocaram de lado com desdém" (Flusser, 2010, p. 178).

4. Quando Tudo é Igual, a Espécie Morre

O pensamento interdisciplinar deste artigo, parte de um conjunto amplo de evidências da biologia evolutiva, a diversidade genética é condição necessária para a sobrevivência de longo prazo de qualquer espécie. Populações pequenas e geneticamente empobrecidas enfrentam ameaças de processos estocásticos demográficos e depressão endogâmica e, no

longo prazo, a incapacidade de se adaptar a mudanças ambientais como alterações climáticas, novas doenças e espécies invasoras (Kardos et al., 2021).

Spielman et al. (2004) , em uma metanálise comparando 170 táxons[7] ameaçados contra não-ameaçados e taxonomicamente relacionados, encontraram heterozigosidade menor nos casos de ameaçados em 77% das comparações, com redução média de 35%. Esses dados indicam que a diversidade genética reduzida é marcadora de risco reprodutivo e preditor de risco de extinção.

A seleção natural opera, precisamente, sobre a variação. Em uma população geneticamente uniforme, não há substrato na qual a seleção possa agir. Quanto mais diversidade genética uma população possui, maior a probabilidade de se adaptar e sobreviver. Inversamente, a vulnerabilidade a mudanças ambientais aumenta com a redução dessa diversidade.

O caso da grande fome irlandesa no século XIX oferece uma ilustração objetiva. A Irlanda do século XIX dependia, desproporcionalmente, de uma única variedade de batata, a *Irish Lumper* (*Solanum tuberosum*). Quando o *Phytophthora infestans*[8] chegou à Europa em 1845, encontrou milhões de plantas geneticamente idênticas, todas igualmente vulneráveis.

Yoshida et al. (2013) demonstraram, por sequenciamento genômico, que a epidemia foi causada por um único genótipo, denominado HERB-1, que persistiu nas plantações por mais de 50 anos. Uma única linhagem patogênica bastou para destruir uma monocultura genética continental. As consequências, cerca de um milhão de mortos, outro milhão de emigrantes e uma população que até hoje tem marcas deste evento, constituem o caso objetivo dos riscos da uniformidade.

McDonald e Stukenbrock (2016) reforçam esse princípio ao mostrar que o risco de surtos e perdas em larga escala cresce quando a uniformidade genética dos hospedeiros, isto é, a concentração de genótipos com suscetibilidade semelhante, se combina com a alta densidade e a ampla extensão espacial do cultivo, condições que favorecem a transmissão e a rápida expansão de patógenos em agroecossistemas.

[7] Unidade base na classificação biológica que representa um grupo de organismos que compartilham características comuns e ancestralidade e servem para análise taxonômicas.
[8] Tipo de comiceto, microrganismo semelhante aos fungos, causador da requeima, doença grave que afeta diversas culturas em todo o mundo.

O paralelo com a monocultura discursiva é direto, em um ecossistema discursivo diverso, a variabilidade intrínseca funciona como reservatório de respostas possíveis a desafios epistêmicos imprevistos. Quando a planificação algorítmica elimina essa variabilidade, o ecossistema discursivo perde sua capacidade de resposta ao imprevisto.

5. Da Biologia ao Discurso

No domínio biológico, a variabilidade genética opera como reservatório de respostas adaptativas potenciais a desafios ambientais imprevistos. No domínio discursivo, a diversidade estilística, retórica e argumentativa opera como reservatório de respostas cognitivas potenciais a desafios epistêmicos imprevistos. Cada modo singular de formular um problema, cada estilo idiossincrático constitui uma variante discursiva, uma forma de pensar e dizer que pode se revelar essencial quando as sociedades enfrentam problemas novos. A diversidade discursiva é o material sobre o qual opera, o que podemos chamar, seleção epistêmica.

A planificação discursiva equivale ao gargalo genético (*population bottleneck*[9]) que reduz a variabilidade de uma população. Assim como um gargalo não elimina os indivíduos, elimina a diversidade entre eles, a planificação não elimina os textos, elimina a diversidade entre eles.

Há um fenômeno análogo ao da depressão endogâmica emergindo no ecossistema discursivo contemporâneo. Shumailov et al. (2024) mostram que o treinamento recursivo em dados gerados induz uma degenerescência progressiva (*model collapse*) na qual as caudas da distribuição original desaparecem, implicando perda sistemática de exemplos raros e de diversidade. A analogia com processos populacionais que erodem variantes diversas sob gargalos/deriva é, nesse nível formal, diretamente pertinente.

A biologia evolutiva evidencia que a otimização extrema para um ambiente específico é, paradoxalmente, uma forma de vulnerabilidade. A solidez estrutural exige redundância, variação e uma, aparente, ineficiência. As formas discursivas que a otimização algorítmica trata como ruído, como a ambiguidade poética, a digressão ensaística, o humor local, a

[9] Um gargalo genético é uma redução acentuada e estocástica no tamanho de uma população, causada por desastres ambientais, doenças ou atividades humanas, que limita a diversidade genética de uma espécie.

narrativa pessoal, o neologismo, a provocação retórica, são o equivalente discursivo de alelos raros, aparentemente dispensáveis na normalidade, potencialmente cruciais na crise.

As sociedades contemporâneas necessitam de resiliência epistêmica, a capacidade coletiva de produzir, sustentar e mobilizar uma diversidade de modos de pensar e argumentar para enfrentar desafios imprevistos. A planificação discursiva ameaça essa resiliência em três níveis. Na produção, ao induzir convergência estilística, na recepção, ao habituar leitores a padrões que marginalizam formas alternativas e na reprodução ao alimentar futuros modelos com textos cada vez mais homogêneos, criando ciclos de *feedback* que amplificam a convergência.

Em uma observação longitudinal, o que se vê, é um ecossistema epistêmico análogo à plantação de batatas irlandesas, superficialmente produtivo, operacionalmente eficiente e estruturalmente vulnerável.

6. Cultivar a Diversidade ou Colher a Uniformidade

Voltamos, então à pergunta inicial: o que acontece com a ecologia discursiva de uma sociedade quando a diversidade estilística é progressivamente reduzida pela mediação algorítmica? Vemos na prática a constituição de uma monocultura simbólica, operada não por censura, mas por gravitação estatística. A harmonização discursiva produzida pelos MGL opera segundo a mesma lógica da harmonização facial, textos individualmente melhorados constituem, coletivamente, uma paisagem discursiva empobrecida. A diversidade que constitui a riqueza cognitiva e a resiliência epistêmica de uma cultura é precisamente o que a otimização algorítmica identifica como ruído a ser eliminado.

O percurso analítico percorrido permitiu identificar, no nível da produção textual, um conjunto de regularidades estilísticas, sintáticas e retóricas que, independentemente do tema, conferem aos textos mediados por MGL uma textura reconhecível e convergente, ou seja, uma *gramática da planificação.* Essa gramática, não opera por proibição ou veto de temas ou conteúdos, apenas constrange as condições de enunciação e se consolida, como Couldry nos permite ver, por um mito: o da clareza universal, segundo o qual a mediação algorítmica da escrita é benéfica precisamente porque aprimora o texto humano, corrigindo suas tendências à ambiguidade e à prolixidade. Quando esse padrão algorítmico passa a funcionar como parâmetro pelo qual se avalia a própria produção humana, como Van Dijk (2015) nos ajuda a compreender, consuma a inversão normativa e a máquina passa a definir o que conta como

texto bem escrito, enquanto o sujeito – e suas variações linguísticas - que dela se afasta, passa a ser percebido como deficiente.

Como discutimos, a ameaça à resiliência epistêmica opera em três níveis articulados. Na produção, ao induzir convergência estilística e suprimir as idiossincrasias que ancoram o discurso em experiências vividas singulares. Na recepção, ao habituar leitores a padrões que progressivamente marginalizam formas discursivas alternativas — o ensaio digressivo, a narrativa oblíqua, o argumento não-linear —, tornando-as ilegíveis ou irrelevantes. E na reprodução, ao alimentar futuros modelos com textos cada vez mais homogêneos, instituindo um ciclo de retroalimentação que Shumailov et al. (2024) documentaram empiricamente: o treinamento recursivo em dados gerados por modelos provoca um colapso progressivo da distribuição original, eliminando sistematicamente as caudas, os exemplos raros, os desvios que são, tanto em biologia quanto em discurso, o material da adaptação. O problema, além de estrutural, é dinâmico e se aprofunda com o tempo.

Flusser, que em 1987 já antecipava os contornos dessa inflexão, identificou no pensamento matemático que governa os códigos computacionais uma forma de consciência que, contrastada à literária, revela sua a-historicidade constitutiva. Os modelos generativos de linguagem são, nesse sentido, a realização mais abrangente do que o filósofo chamou de gesto do programar: uma operação que não traduz experiência em linguagem, mas recombina probabilisticamente o que já foi dito, desligada de qualquer ancoragem no vivido. E o alerta de Flusser sobre aqueles que, detentores de competência matemática suficiente, “colocam a escrita de lado com desdém” ganha nova acuidade quando são exatamente esses agentes — as grandes corporações tecnológicas — que controlam a infraestrutura pela qual a maior parte do texto digital é hoje mediada ou gerada.

A biologia nos mostra, com evidências de bilhões de anos de evolução, que a uniformidade é um luxo que nenhuma espécie pode se dar por muito tempo. A monocultura da *Irish Lumper* alimentou a Irlanda até que um único genótipo patogênico bastou para desfazê-la. Em um ecossistema discursivo progressivamente homogêneo, o risco análogo é o de que um desafio epistêmico imprevisível, uma crise que exija modos radicalmente distintos de formular problemas e construir argumentos, encontre um repertório coletivo esvaziado precisamente das variantes que seriam essenciais por serem raras.

A questão, portanto, não é se devemos ou não usar modelos generativos de linguagem. É se seremos capazes de preservar e cultivar a diversidade discursiva enquanto incorporamos essas ferramentas. A resposta da biologia é objetiva, sem diversidade, não há adaptação; sem adaptação, não há sobrevivência. A resposta da teoria do discurso é convergente: sem diversidade discursiva, não há pensamento crítico genuíno; sem pensamento crítico, não há variância epistêmica viável. Essa convergência de diagnósticos aponta para uma agenda que precisa ser construída em múltiplas frentes, incluindo regulatória, pedagógica, editorial e técnica, nas quais a diversidade discursiva seja tratada não como valor nostálgico, mas como condição de resiliência coletiva. Proteger formas discursivas minoritárias, valorizar estilos idiossincráticos e resistir à universalização dos parâmetros de clareza e utilidade como critérios únicos de qualidade textual são, nessa perspectiva, atos de higiene epistêmica.

Deve-se ter em mente, por fim, que a imposição da monocultura, quer vegetal ou linguística, não nasce espontaneamente, mas da vontade de poucos que tentam edificar o mundo à sua imagem e semelhança. Ora, resta lembrar que os homens tentaram, em outra ocasião, unificar o mundo em uma só linguagem, edificando “uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus” (Gênesis 11:4), mas foi o próprio Deus que destruiu a torre e espalhou os homens e suas línguas pelo mundo.

Resta saber se essa mítica fábula de Babel forçosamente se repetirá, ou se aprenderemos, desta vez, a lição que a natureza e a história, repetidas vezes, tentam nos ensinar: a pluralidade não é obstáculo à comunicação, mas o substrato de toda sobrevivência.

Referências

ALGHAZO, Sharif *et al.* Engagement strategies in human-written and AI-generated academic essays: A corpus-based study. **Ampersand**, v. 15, p. 100237, dez. 2025.

BENDER, Emily M. *et al.* On the Dangers of Stochastic Parrots. *In*: New York, NY, USA: ACM, 3 mar. 2021.

COULDRY, Nick. **Media, society, world: social theory and digital media practice**. *[S.l.]*: Polity, 2013.

ERIKA, B. Varga; BAKSA, Attila. Syntactic comparison of human and AI-written scientific texts. **Annales Mathematicae et Informaticae**, v. 61, p. 248–260, 30 out. 2025.

GILLESPIE, Tarleton. The Relevance of Algorithms. *In*: **Media Technologies**. *[S.l.]*: The MIT Press, 2014. p. 167–194.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet**. *[S.l.]*: Yale University Press, 2019.

KARDOS, Marty *et al.* The crucial role of genome-wide genetic variation in conservation. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 118, n. 48, 30 nov. 2021.

LI, Jia. Too Much of One Thing, Too Little of Another? Comparing Cohesive Networks Between Humans and ChatGPT in Academic Writings and Translations. **International Journal of Applied Linguistics**, 4 jan. 2026.

LIU, Wenlong; LIU, Xianming. A comparative analysis of syntactic complexity in argumentative essays from rhetorical perspective: ChatGPT vs. English native speakers. **PLOS One**, v. 20, n. 8, p. e0329410, 1 ago. 2025.

MCDONALD, Bruce A.; STUKENBROCK, Eva H. Rapid emergence of pathogens in agro-ecosystems: global threats to agricultural sustainability and food security. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 371, n. 1709, p. 20160026, 5 dez. 2016.

OUYANG, Long *et al.* Training language models to follow instructions with human feedback. *In*: : NIPS '22.Red Hook, NY, USA: Curran Associates Inc., 2022.

SHUMAILOV, Ilia *et al.* AI models collapse when trained on recursively generated data. **Nature**, v. 631, n. 8022, p. 755–759, 25 jul. 2024.

SPIELMAN, Derek; BROOK, Barry W.; FRANKHAM, Richard. Most species are not driven to extinction before genetic factors impact them. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 101, n. 42, p. 15261–15264, 19 out. 2004.

VAN DIJK, Teun A. Critical Discourse Analysis. *In*: **The Handbook of Discourse Analysis**. *[S.l.]*: Wiley, 2015. p. 466–485.

YOSHIDA, Kentaro *et al.* The rise and fall of the Phytophthora infestans lineage that triggered the Irish potato famine. **eLife**, v. 2, 28 maio 2013.